



**FACULDADE CIDADE DE JOÃO PINHEIRO**  
**GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**RAIANE CRISTINA PACHECO E SILVA**

**A CONTRIBUIÇÃO DO PEDAGOGO NO AMBIENTE  
HOSPITALAR COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES  
PORTADORES DE CÂNCER: Um estudo de caso em  
uma Instituição Hospitalar em Brasília – DF – 2018**

**JOÃO PINHEIRO**

**2018**

RAIANE CRISTINA PACHECO E SILVA

**A CONTRIBUIÇÃO DO PEDAGOGO NO AMBIENTE  
HOSPITALAR COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES  
PORTADORES DE CÂNCER: Um estudo de caso em  
uma Instituição Hospitalar em Brasília – DF – 2018**

Artigo apresentado ao núcleo de pesquisa e iniciação científica da FCJP como requisito parcial para aprovação na disciplina de TCC II pela Faculdade Cidade de João Pinheiro ministrada pela Profª Doutoranda Giselda Shirley da Silva

Orientadora: Dra. Maria Célia da Silva  
Gonçalves

**JOÃO PINHEIRO**

**2018**

# **A CONTRIBUIÇÃO DO PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES PORTADORES DE CÂNCER: Um estudo de caso em uma Instituição Hospitalar em Brasília – DF**

**Raiane Cristina Pacheco e Silva<sup>1</sup>  
Maria Célia da Silva Gonçalves<sup>2</sup>**

**Resumo:** A presente pesquisa tem como principal objetivo apresentar as contribuições advindas da presença do pedagogo no ambiente hospitalar, atuando na aprendizagem de crianças e adolescentes com câncer; assim como investigar a importância do trabalho desenvolvido pelos profissionais que atuam nessa área. A pesquisa investigou como o profissional deve atuar para obter resultados positivos na vida dessas crianças respeitando o limite de cada uma. Trata-se de uma pesquisa de campo na qual a pesquisadora fez uma visita a Instituição e através de observação e diálogo com os responsáveis pela mesma comprovou que é possível tornar um ambiente hospitalar em um local propício de aprendizagem para aqueles que necessitam continuar suas atividades. Concluiu-se que o trabalho desenvolvido pelo pedagogo nesse contexto é muito importante para o desenvolvimento físico, motor e psicológico.

**Palavras-Chave:** Pedagogia. Pedagogia Hospitalar. Criança e adolescente. Câncer.

**Abstract:** The main objective of this research is to present the contributions of the pedagogical presence in the hospital environment, acting in the learning of children and adolescents with cancer; as well as to investigate the importance of the work developed by the professionals who work in this area. The research investigated how the professional should act to obtain positive results in the life of these children respecting the limit of each one. This is a field research in which the researcher visited the institution and through observation and dialogue with those responsible for it, it is possible to make a hospital environment in a suitable learning place for those who need to continue their activities. It was concluded that the work developed by the pedagogue in this context is very important for the physical, motor and psychological development.

**Keywords:** Pedagogy. Hospital Pedagogy. Child and teenager. Cancer.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade Cidade de João Pinheiro- MG. E-mail: raianecpacheco@gmail.com

<sup>2</sup> Estágio pós-doutoral na UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DEL SANNIO-Department of Law, Economics, Management and Quantitative Methods-DEMM. Head of Studies Center Kinetès (Benevento- Itália) Pós-doutorado em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Pós-doutoranda em História pela Universidade de Évora em Portugal. Possui doutorado em Sociologia pela Universidade de Brasília (2010),mestrado em História pela Universidade de Brasília (2003), especialização em História pela Universidade Federal de Minas -UFMG (1998). Graduação em Geografia(2012) pela Faculdade Cidade de João Pinheiro (FCJP) Complementação em Supervisão Escolar(1993) pelas Faculdades Integradas de São Gonçalo, graduação em em História (1991) e em Estudos Sociais (1989) pela Faculdade do Noroeste de Minas. E-mail: mceliasg@yahoo.com.br

## 1. INTRODUÇÃO

A Pedagogia não está voltada somente para o ambiente escolar, existem várias áreas onde o Pedagogo também pode atuar. Partindo dessa constatação se faz necessário que o profissional deve se preparar para lidar com a prática pedagógica para atuar em ambiente não escolar.

A Pedagogia Hospitalar tem como finalidade acompanhar a criança e o adolescente no período de ausência escolar internados em instituições hospitalares, uma vez que nós conhecemos o hospital somente como estabelecimento de saúde, tendo como sua principal finalidade cumprir as funções de prevenção, diagnóstico e tratamento de doença.

A Pedagogia Hospitalar é um ramo da educação que proporciona à criança e ao adolescente hospitalizado uma recuperação mais aliviada, por meio de atividades lúdicas, pedagógicas e recreativas. Além disso, previne o fracasso escolar, que nesses casos é gerado pelo afastamento da sala de aula onde originalmente estuda. (RODRIGUES, 2012, p.42).

Segundo Rodrigues (2012 p.43) a prática pedagógica no hospital veio mostrar que é possível educar fora da sala de aula. Tudo começa em casa, nossos pais são nossos primeiros educadores, nos ensinando a dar os primeiros passos, a falar, ajudando nas primeiras dificuldades, sendo assim, nossa casa o primeiro local do processo de ensino aprendizagem.

No hospital, as crianças são ignoradas como alunos e somente vistas como pacientes, assim ficam com baixa autoestima, com psicológico abalado e sentimento de incompetência, por não estarem convivendo com outras crianças, por não poderem brincar com seus colegas e por não poderem realizar certos tipos de atividades, assim o pedagogo faz o seu papel onde leva o lúdico para o hospital e traz de volta a esperança para a criança.

O artigo 214 da Constituição Federal afirma, ainda, que as ações do Poder Público devem conduzir à universalização do atendimento escolar. Entretanto, diversas circunstâncias podem interferir na permanência escolar ou nas condições de construção do conhecimento ou, ainda, impedir a frequência escolar, temporária ou permanente. (OLIVEIRA, 2013 p. 5)

O intuito da pesquisa era investigar e evidenciar a importância do Pedagogo aos que necessitam se afastar do ambiente escolar.

A pesquisa foi norteada por questões que inquietam o pesquisador, as principais indagações foram: Como é a prática do Pedagogo dentro da Instituição pesquisada? Quais os desafios enfrentados pelo Pedagogo nesse campo de trabalho? Qual a metodologia de ensino utilizada em um ambiente não escolar? Em que o trabalho pedagógico contribui para o bem estar da criança? Como a equipe multidisciplinar pode atuar para amenizar o sofrimento da criança e do adolescente com câncer? Os resultados do tratamento com o apoio do Pedagogo se tornam mais positivos?

O principal objetivo deste trabalho é investigar a importância da atuação do Pedagogo no hospital junto a crianças e adolescentes com câncer.

Conhecer a Pedagogia Hospitalar como modo de ensino da Educação, seus conceitos, sua importância, seu papel no Hospital, entender o papel do pedagogo hospitalar dentro da educação.

Os principais objetivos da pesquisa são: observar como é a prática do Pedagogo dentro da Instituição de saúde estudada; analisar os desafios enfrentados pelos pedagogos nesse campo de trabalho; verificar qual a metodologia de ensino é utilizada em um ambiente não escolar; investigar como o trabalho pedagógico contribui para o bem estar da criança; pesquisar como a equipe multidisciplinar pode atuar para amenizar o sofrimento da criança e do adolescente portador de câncer; analisar se os resultados do tratamento com o apoio do Pedagogo se tornam mais positivos.

Deste modo as hipóteses mostraram que a prática do Pedagogo dentro da Instituição tem o papel tão importante quanto na escola, passando conhecimento às crianças internadas de acordo com o limite de cada uma e principalmente humanizando o tratamento, tornando-se assim menos dolorosos e com maior proximidade os dias das crianças hospitalizadas.

A pesquisa foi realizada em uma Instituição Hospitalar em Brasília – DF, durante o segundo semestre de 2018, de acordo com o site da própria Instituição, eles oferecem assistência social as crianças e adolescentes com câncer e doenças hematológicas de baixa renda que não residem no DF e também toda assistência necessária, como alojamento, alimentação, medicamento, transporte e assistência odontológica.

Na Instituição, todo o corpo diretor e a própria presidência são formados por voluntários. Um time que doa tempo e carinho e possui muita responsabilidade com sua missão e sobrevive exclusivamente de doações da comunidade e de apoiadores que, solidariamente custeiam com gastos para garantir que a Instituição continue realizando seu trabalho.

Essa pesquisa é de suma importância para a formação acadêmica da pesquisadora, pois desde o início do curso identificou-se com trabalho que o Pedagogo Hospitalar realiza em Instituições Hospitalares.

Trazer a pesquisa realizada no campo de uma Instituição Hospitalar e partilhar com os acadêmicos irá enriquecer o conhecimento daquele que não pretende atuar em ambiente escolar. Nesse sentido, iremos enfatizar a importância de se falar mais sobre o assunto, já que se fala tanto que o pedagogo atua apenas em Instituição Escolar.

Com base no site Portal da Educação, o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente aprovou a resolução 41, de 13 de outubro de 1995, CONANDA, Direito da Criança e do Adolescente Hospitalizado, em seu artigo 09, diz que “a criança e o adolescente hospitalizado tem direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante a sua permanência hospitalar”. Sendo assim, os responsáveis têm o direito de saber que toda criança internada há mais de quinze dias tem o direito de continuar os seus estudos, mesmo hospitalizada, a criança tem o direito de estudar, de brincar e de conviver com outras pessoas para que ela esqueça um pouco do seu tratamento.

A Pedagogia Hospitalar é uma forma educacional humanizada, já que a criança hospitalizada deixa de ter pânico ao ver pessoas vestidas de branco e passa a ver de forma diferente, com essa pesquisa iremos mostrar que o trabalho do Pedagogo atinge de forma positiva no bem estar de cada uma e apresentar a importância de evitar o fracasso escolar com as crianças que estão em processo de tratamento.

A pesquisa prática – que nunca pode ser bem feita sem teoria, método e empiria – é modo salutar de produção de conhecimento, que possui ainda a vantagem de puxar para o cotidiano a ciência. Pode resvalar facilmente para o senso comum, mas pode adquirir tonalidades muito criativas de sabedoria e do bom senso [...] Pesquisa prática quer dizer “olhos abertos” para a realidade,

tomando-a como mestra de nossas concepções. Quem é inteligente sempre aprende, porque está em atitude de pesquisa. Naturalmente muda de posição, no dinamismo natural de uma realidade variável e surpreendente. Ao contrário da tendência teórica típica que “ensaca” a realidade na teoria, pesquisa prática busca o movimento contrário: colocar a realidade na teoria, obrigando a teoria a se adequar e nisto a se rever, mudar e mesmo se superar. (DEMO, 2000, p.28).

O professor deve ser estimulado a buscar conhecimento através da teoria, estimulado a pesquisar e em consequência colocar em prática. Faz parte do processo de educação o professor a desenvolver uma formação teórica voltada para uma educação reflexiva para que o ambiente escolar ofereça um ensino de qualidade. A Instituição pesquisada na pesquisa prática será fundamental para extrair informações e assim passar conhecimentos da realidade à teoria enriquecendo conhecimento para o processo de formação da acadêmica pesquisadora.

Os desafios enfrentados pelo Pedagogo nesse campo de atuação dar-se por trabalhar diretamente com as crianças em fase de tratamento de câncer, muitas delas estão com a saúde debilitada, sendo assim sugere que o Pedagogo tenha o psicológico preparado para que não se torne um desafio adaptar as atividades e manter a criança interessadas; que seja também um profissional criativo e de bem com a vida.

A metodologia de ensino utilizada em um ambiente não escolar deve colocar o aluno como centro do processo de aprendizagem e desempenhar um papel ativo e lúdico para que assim a criança internada sintam-se no ambiente escolar.

O trabalho do Pedagogo no ambiente hospitalar contribui para a criança o bem-estar, pois no momento em que a criança vê o hospital como um filme de terror, o Pedagogo mostra a ela outra visão do ambiente. O local em que ela possa brincar, interagir com outras crianças e dar continuidade com os estudos.

Toda a equipe da Instituição pode atuar de forma envolvendo diretamente as crianças em processo de tratamento, seja fazendo visitas inesperadas, levando a brinquedoteca para dentro da Instituição, desenvolvendo projetos onde voluntários façam parte de um dia cheio de brincadeiras, tudo isso ameniza o sofrimento da criança e do adolescente internados.

Os resultados do tratamento com as crianças e adolescentes portadores de câncer se tornam mais positivos com o apoio do Pedagogo, pois a criança vê o

hospital como um local onde se trata somente de doença, onde não há crianças para brincar e assim, o Pedagogo realiza o papel de trazer de volta a alegria de todas.

## **2. MATERIAL E MÉTODO**

O método de pesquisa utilizado foi qualitativo, pois teve como objetivo analisar as experiências, observar a realidade e o trabalho do Pedagogo dentro da Instituição Hospitalar e entrevistar poucos profissionais que atuam na área. De acordo com Neves (1996, p.01), “a pesquisa qualitativa não busca enumerar ou medir eventos. Ela serve para obter dados descritivos que expressam os sentidos dos fenômenos. ”A pesquisa também foi desenvolvida a partir da revisão da literatura sobre o tema buscando embasamento acerca dos conceitos de “Pedagogia Hospitalar – a Humanização integrando Educação e Saúde”, “Teoria e Prática na Pedagogia Hospitalar: novos cenários, novos desafios”, “Classes Hospitalares: O Espaço Pedagógico nas Unidades de Saúde”, “Classe Hospitalar e atendimento Pedagógico domiciliar”.

A pesquisadora manteve o primeiro contato através do telefone da Instituição, conversando sobre a possibilidade de uma possível pesquisa de campo e a disposição da mesma em realizar um trabalho voluntário no local, sendo assim, foi orientada pela profissional a encaminhar um e-mail para o setor responsável para autorização da visita.

Na visita, a pesquisadora não pôde aplicar questionários ou fazer entrevista aos pedagogos, pois no momento da visita estavam realizando trabalhos que não autorizavam a entrada de visitantes. Os dados foram coletados posteriormente por telefone.

Os dados coletados e analisados em um artigo de final de curso e todas as identidades que sejam de profissionais, pacientes e instituição serão mantidos em absoluto sigilo.

Em conversa com a responsável pela visita, a mesma informou que as Pedagogas que atuam no local são contratadas pelo Governo e atuam também em uma das escolas no local.



### 3. HISTÓRIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

De acordo com o artigo estudado, Oliveira, especialista em Pedagogia Hospitalar diz que classe hospitalar foi criada por Henri Sellier em Paris no ano de 1935 quando muitas crianças e adolescentes em idade escolar foram feridas em consequência da Segunda Guerra Mundial. Diante dessa realidade, o intuito era de oportunizar as mesmas a darem continuidade nos estudos ali mesmo no hospital.

Com ajuda de médicos e voluntários, a classe hospitalar foi conquistando espaços na sociedade, expandindo para outros países.

No Brasil, segundo Castro (2011, p.232) a primeira classe hospitalar foi instalada no Rio de Janeiro na década de 50, as aulas eram ministradas nas enfermarias pediátricas do Hospital Municipal Municipal Jesus, que funciona até os dias atuais e que tinham como professora, Lecy Rittmeyer.

Segundo a autora Rodrigues (2012, p. 68,69), Fonseca (1999, p.23) fez uma pesquisa e publicou um artigo sobre os atendimentos escolares às crianças internadas no Brasil. Naquela época dos anos 50 a 60, existiam por volta de 30 classes hospitalares, algumas classes privadas e outras que eram conveniadas com as secretarias de educação.

No ano de 2011, haviam implantadas várias classes hospitalares segundo Fonseca (1999, p.8), cerca de dez Estados e o Distrito Federal já ofereciam atendimento escolar nos hospitais. Com base nos estudos, as ações dentro dos hospitais aconteciam de forma informal, com ajuda de voluntários que, para suprir as necessidades das crianças em tratamento, buscavam ajuda-las como um meio de aliviar o medo da doença.

A classe hospitalar foi criada com o objetivo de assegurar às crianças e aos adolescentes hospitalizados a continuidade dos conteúdos regulares, possibilitando um retorno após a alta sem prejuízos à sua formação escolar. (RODRIGUES, 2012, p.42).

Sendo assim, Castro *apud* Brasil (1995) cita a Resolução n.41/95 do Conselho Nacional de Defesa os Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados reforça a atuação do professor no hospital, destacando o item nove do texto do direito da criança e o adolescente “de desfrutar alguma forma de recreação, programas de educação para saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”.

Desde então, definiu-se que “os sistemas de ensino, mediante a ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio”. (RODRIGUES, 2012, p.70).

Devem ser trabalhados conteúdos de acordo com a necessidade de cada criança ou adolescente que por algum motivo esteja hospitalizado, considerando a inclusão escolar como realidade do ensino da educação do Brasil.

## **O QUE É PEDAGOGIA HOSPITALAR**

A Pedagogia Hospitalar é o campo de atuação do educador que atende em ambiente não escolar proporcionando às crianças e adolescentes uma melhor recuperação por meio de atividades escolares que sejam lúdicas, pedagógicas e recreativas, prevenindo o fracasso escolar.

Segundo Rodrigues (2012, p.68) foi se pensado uma maneira de acontecer à atuação da educação na área da saúde, seria uma forma efetiva entre o Ensino da Educação e o Sistema de Saúde. Onde deveriam incluir o atendimento educacional especializado com aquele aluno internado que por algum motivo de saúde não pode frequentar as aulas.

Ainda de acordo com a autora Rodrigues (2012, p.42) “nos últimos anos a pedagogia expandiu seu campo de atuação, assim o hospital se tornou um deles, onde o pedagogo atende crianças e adolescentes internados em longo prazo por algum motivo de saúde e que não podem frequentar as aulas”.

A Pedagogia Hospitalar é uma inovação comunicativa no âmbito hospitalar, quebrando barreiras do ensino e atendendo às novas exigências da educação. Percebe-se que é gritante a necessidade de uma renovação na educação, principalmente na educação infantil. A educação deve olhar a criança como um todo, conhecendo o seu contexto e não apenas como um educando, pois o meio onde a criança está inserida pode influenciar no seu processo de aprendizagem. (RODRIGUES, 2012, p.43).

Nos dias atuais já se fala muito em pedagogia hospitalar que é um campo onde se quebrou barreiras de que o pedagogo só poderia ser inserido nas escolas, foram atendidas as necessidades das crianças e adolescentes em estado de longa

internação. A importância do pedagogo no ambiente não escolar não é somente para introduzir matérias para que não fiquem atrasados, mas sim levar alegria para que o pedagogo evite o fracasso escolar quando o internado voltar à escola.

Embora as classes hospitalares sejam regulamentadas e legalizadas pela LDB/98, com o objetivo de dar continuidade ao ensino dos conteúdos escolares, os professores nem sempre são qualificados para atuar nesses espaços. (RODRIGUES, 2012, p. 69).

Matos (2009, p.81); Mugiatti (2009, p.81), deixam uma observação que a Pedagogia Hospitalar requer pessoas habilitadas e competentes profissionais para atuar no âmbito hospitalar. O profissional deve conseguir uma integração valiosa entre teoria e prática e prática e teoria, assim a experiência pode capacitar uma futura dedicação profissional quanto ao pedagogo nas classes hospitalares ou área da saúde.

Mattos e Mugiatti (2009 p. 67) ainda ressalta a grande importância dos esforços que fazem as instituições hospitalares ao abrirem espaço para o educador na realidade do hospital. Uma prática pedagógica dentro dos hospitais conclui-se pela necessidade de uma contribuição especializada, sempre contribuindo com melhor auxílio às crianças e adolescentes hospitalizados.

De acordo com os autores Junior e Gomes (2011, p.141), os professores que atuam em classe hospitalar merecem uma atenção especial por parte dos pesquisadores da educação, já que a realidade hospitalar se organiza numa estrutura complexa. Um ambiente detentor de peculiaridades faz-se supor que atuar como educador na classe hospitalar não é uma tarefa fácil.

Segundo Santos, (2002, p.22) professores que irão atuar em classes hospitalares e domiciliares deverão ser capacitados para trabalhar com diferenças culturais, diferentes vivências. Os profissionais da educação devem identificar as necessidades de cada internado para implantar estratégias para a adaptação curricular.

Deverá, ainda, propor procedimentos didático-pedagógicos e práticas alternativas para o processo de ensino aprendizagem como também ter disponibilidade para trabalhar em equipe e assessoramento nas escolas quanto à inclusão dos alunos que estão afastados da mesma.

Para Castro (2011, p.236) “é importante que haja voluntários nos hospitais para atuarem com o público infantil, isso irá contribuir para amenizar o sofrimento delas. Entre os voluntariados, Contadores de histórias, palhaços, mímicos, bailarinas etc... E também associações criadas pelos pais das crianças internadas para que possam compartilhar a doença de seus filhos entre eles”.

Segundo Castro (2011, p.237) apud Brazelton (1990, p.157) “é necessário que a hospitalização seja uma experiência positiva na vida de cada criança para que ela possa aprender como agir em situações de tensão e de momentos ruins, e também para que isso não prejudique na vida futura quando der continuidade na vida escolar”.

Trabalhando com crianças hospitalizadas e observando seu comportamento durante a internação, presenciamos o trauma que sofrem ao sair do ambiente familiar para outro totalmente desconhecido, enfrentar pessoas estranhas e procedimentos dolorosos, como tomar injeção fazer curativos e outros. Isto desenvolve na criança uma tal ansiedade que a deixa insegura e medrosa, principalmente quando não se é preparada para a hospitalização e o tratamento a ser realizado. Dentre essas situações estressantes estão procedimentos intrusivos, como a punção venosa, que muito contribui para aumentar-lhe o medo e a peculiares à crianças de três a seis anos de idade. Nesta fase, o trauma é maior porque as crianças não tem estrutura cognitiva para compreender a experiência pela qual passam. A criança é muito egocêntrica, acredita que seus pensamentos são poderosos e isto dificulta a aceitação de um procedimento doloroso, como um tratamento necessário podendo interpretá-lo como um castigo ou punição. A criança é também vulnerável às ameaças de lesão corporal. (MARTINS et al. 2001, p.77)

Dessa forma é muito importante a presença dos familiares, médicos, voluntários e pedagogos para que possam tornar o ambiente alegre, colorido, com brincadeiras, histórias e teatros. Para a recuperação positiva da criança é importante ver o hospital de uma forma diferente de como é visto, para que elas possam continuar internadas sem medo do que poderá acontecer.

O papel da educação no hospital e, com ela, o do professor, é propiciar à criança o conhecimento e a compreensão daquele espaço, ressignificando não somente a ele, como a própria criança, sua doença e suas relações nessa nova situação de vida. A escuta pedagógica surge, assim, como uma metodologia educativa própria do que chamamos de pedagogia hospitalar. Seu objetivo é acolher a ansiedade e as dúvidas da criança hospitalizada, criar situações coletivas de reflexão sobre elas, construindo novos conhecimentos

que contribuam para uma nova compreensão de sua existência, possibilitando a melhora de seu quadro clínico. (CASTRO 2011, p.240 *apud* FONTES 2005 p.135).

Os Pedagogos hospitalares devem ter conhecimento da doença de cada aluno internado, saber lidar com elas e utilizarem uma metodologia específica para cada tipo de situação, devem ser capacitados para atuarem em uma área onde certamente há crianças com sérios problemas de saúde.

A enfermidade é uma situação com a qual, muitas vezes o ser humano convive passiva ou ativamente no seu cotidiano. Tal situação é responsável, em certos casos, por levar o aluno a se ausentar da escola por tempo prolongado, o que, indubitavelmente, acarreta prejuízos, por vezes irreparáveis, no curso normal de suas atividades escolares. No intuito de se evitar tais consequências ao sistema de ensino, cabe a iniciativa de se promoverem novas alternativas de procedimentos para a continuidade escolar da criança (ou adolescente) hospitalizada, em função da separação dita como necessária. Esse afastamento do seu cotidiano, provocado pela doença e pela hospitalização, traz uma nova situação à vida do enfermo que, além de afastá-lo do curso normal de suas atividades escolares, o induz a apresentar alterações de ordem psíquicas possíveis no contexto. (MATOS; MUGIATTI, 2009, p.71).

Entende-se que há necessidade de além de atender a criança como paciente, atenda também com as obrigações escolares no aspecto pedagógico. Essa contribuição do pedagogo acarretará de forma positiva beneficiando a saúde mental e a saúde física da criança e do adolescente.

## **A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO HOSPITALAR**

Para realizar pesquisas voltadas aos objetivos propostos é necessário buscar fundamentação teórica para auxiliar no entendimento do tema a ser pesquisado.

Quando se fala em saber é importante relacioná-lo com o contexto do trabalho e com realidades sociais, organizacionais e humanas, nas quais os professores se encontram mergulhados. O saber dos professores é o saber deles, que se apresenta relacionado com a pessoa e a identidade, com a experiência de vida e sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com outros atores escolares. (TARDIF 2002, *apud* JUNIOR; GOMES 2011 p.143).

Nesse sentido é importante o professor juntar todos os seus conhecimentos ao longo da vida, tanto pessoal, quanto cultural podendo partilhar com pessoas que desempenham um papel no ensino. Valores pessoais são incorporados à ação profissional.

O câncer infantil é uma doença crônica que, ao ser diagnosticada, transforma a vida da criança e todos que fazem parte dela. Os dias vão ficando mais estressantes, o contato com amigos e familiares vão diminuindo devido ao tratamento e automaticamente vem o aumento da angústia, da tensão, a tristeza, a responsabilidade de horários para administração dos remédios e em muitos casos passarem grande parte da vida em um quarto de hospital.

Junior; Gomes (2011, p.140) *apud* Valle (1990) considera que o tratamento do câncer influencia diretamente no aprendizado da criança. Os efeitos colaterais dos remédios e das quimioterapias colaboram para que a criança se sinta indisposta, sonolenta e fraca, muitas vezes se tornando um grande motivo para as faltas nas escolas. Pensando nisso foram criadas as classes hospitalares, uma modalidade da Educação Especial para contribuir com o processo ensino aprendizagem das crianças e adolescentes que se encontram hospitalizados.

Os autores ainda destacam que a preocupação com os saberes necessários aos professores que atuam em ambientes hospitalares deve merecer uma atenção especial, um aprofundamento maior por parte das pesquisas feitas pelos educadores, já que a realidade hospitalar é um ambiente obscuro de difícil tarefa.

Estimular as discussões sobre a formação de professores na ótica da inclusão e da diversidade, a partir da perspectiva da educação como espaço de formação do humano, implica a consciência pedagógica de uma formação diferenciada onde os espaços não formais de educação, como uma sala de aula em um hospital, sejam compreendidos e valorizados como um lugar onde se faz também a educação. (RODRIGUES, 2012, p. 82).

Há inúmeras dificuldades que o professor poderá passar para concretizar sua prática pedagógica dentro de um ambiente não escolar. Pois não depende somente dele, depende também do espaço físico aos que necessitam de atendimento especializado, dos recursos didáticos, dos profissionais que ali atuam e também do apoio familiar das crianças e adolescentes.

Para Matos e Mugiatti (2009, p.115) “a construção da prática pedagógica no ambiente hospitalar não pode seguir como as práticas do tradicional. Muitas vezes

as dificuldades encontradas para atuar no hospital é que o profissional não consegue ver uma oportunidade de uma atuação diferenciada”.

A visão do profissional deve ser diferente do cotidiano de um ambiente escolar. Assim os autores citam que, para Capra (1996, p.24) “Há soluções para os principais problemas de nosso tempo, algumas delas até mesmo simples. Mas requerem uma mudança radical em nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores”.

O Profissional da educação que atua no ambiente hospitalar deve ter uma visão ampla, das condições do ambiente, do estado físico e emocional das crianças e adolescentes dos recursos que ali se encontram. É importante que o educador trabalhe o lúdico e brincadeiras com o aluno internado, já que os mesmos são fundamentais para o desenvolvimento do sentimento, fazendo com o que o aluno se mantenha interessado, pois crianças e adolescentes internados não terão o mesmo interesse de um aluno que se encontra estudando em um ambiente escolar.

O ambiente deve estar adequado de forma que seja possível estimular a imaginação dessas crianças, para que elas possam expressar suas emoções, brincar aprendendo e se distrair do momento em que ela está vivendo.

Educar significa utilizar práticas pedagógicas que desenvolvam simultaneamente razão, sensação, sentimento e intuição e que estimulem a integração intercultural e a visão planetária das coisas, em nome da paz e da unidade de transmitir e construir o saber sistematizado – assume um sentido terapêutico ao despertar no educando uma nova consciência que transcenda do eu individual para o eu transpessoal. (MATOS; MUGIATTI 2009, p. 117 *apud* CARDOSO 1995, p. 48).

Na visão do ambiente hospitalar, as práticas pedagógicas devem estar voltadas também para o sentimento das crianças e dos adolescentes, que pelo tempo de internação eles ficam com a autoestima baixa, cansados e com saudade das suas atividades diárias. O educador proporcionará a eles um saber sistematizado despertando o interesse de cada aluno internado.

## **DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**

“O Estatuto da Criança e do adolescente evidencia a responsabilidade da sociedade com a formação do indivíduo menor conforme se observa no artigo

abaixo” destaca-se a necessidade de uma atuação no âmbito hospitalar voltado para a inclusão social, especialmente aquelas crianças ou adolescentes matriculados em alguma escola e que estão hospitalizados.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

No caso de crianças hospitalizadas impossibilitadas de frequentar a escola, é importante proporcionar a elas condições necessárias que atendam de forma lúdica e motivadora.

De acordo com Fonseca, (1999, p.14) a classe hospitalar pode partir de programas lúdicos voltados a infâncias, mas são vinculados aos sistemas educacionais na modalidade de ensino a Educação Especial, ou aos sistemas de saúde como modalidade de atenção integral (atendimento pedagógico-educacional hospitalar).

Castro (2011, p. 234) cita que a legislação brasileira deu seus primeiros passos em direção ao direito de processo educativo aos portadores de doenças sancionando a Lei n. 1.044/69 (BRASIL, 1969), que garante o tratamento para os alunos internados portadores de afecções congênitas ou adquiridas, infecções, traumatismo ou outras condições mórbidas, determinando distúrbios agudos ou agonizados.

A inserção da escola no hospital deve ser uma ação que esteja junto, os Órgãos de Saúde e da Educação, garantindo o direito das crianças e adolescentes ali internados.

#### **4. ANÁLISE DE DADOS COLETADOS NA PESQUISA**

Nesse subitem apresentamos o relatório de observação em uma Instituição Hospitalar em Brasília – DF onde objetivou observar o ambiente e o trabalho que o pedagogo realiza com as crianças e os adolescentes com câncer e ou doenças homeopáticas.

A observação foi feita no dia vinte e nove de agosto de dois mil e dezoito.



Analisando a estrutura física da Instituição, pode-se afirmar que a mesma é segura, com segurança no local, muros altos e portões trancados. Na entrada a pesquisadora se identificou e foi atendida pelas funcionárias da recepção. A recepcionista conversou com a pesquisadora sobre toda Instituição e a informou as regras que deveria seguir para conhecer todo o ambiente.

Na entrada há uma TV com o nome e idade de todas as crianças e as mães que estão alojadas ali, crianças essas que são de outros estados, como BA, RO, AC etc. No dia da pesquisa havia doze crianças alojadas no local.

A responsável por apresentar o ambiente conduziu a pesquisadora para a entrada principal, onde há TV e um sofá para as crianças assistirem e computadores para atividades e momento de lazer. No momento havia 03 crianças sentadas no sofá conversando entre si.

Em seguida, a responsável apresentou a pesquisadora os quartos em que ficam alojados as mães e as crianças. São divididos quartos para as crianças do sexo masculino e as do sexo feminino. Todos os quartos são bem alojados e decorados, com guarda roupa embutido e camas confortáveis. Os banheiros também são separados de acordo com o sexo das crianças. No local há quarto para as crianças que precisam ser isoladas por outras pessoas, mas no dia da pesquisa não havia nenhuma criança com essa necessidade.

A cozinha fica próxima aos quartos, na entrada há um papel com todos os horários das refeições, cada criança segue a dieta de acordo com a sua necessidade prescrita pelo seu médico.

Na Instituição é permitida somente a presença das mães com as crianças, em casos que somente os pais podem acompanhá-las, há uma ala específica para o tipo de caso.

Próximo a ala dos pais há um consultório odontológico em que as crianças são atendidas pelos profissionais da área.

O espaço onde são desenvolvidas as atividades pedagógicas escolares é todo colorido, cheio de brinquedos. A pesquisadora observou a importância de o local ser alegre e de boas condições para as crianças que estão ali. E pensando nisso a Instituição com ajuda de parceiros patrocinadores desenvolveram o programa moradia para beneficiar aquelas crianças que residem no DF, mas que a casa não está em condições para seu tratamento.

Algumas crianças conseguiram através do programa toda a reforma da casa para que o tratamento da doença fosse positivo, pois é notável o quanto o ambiente que a criança está interfere na sua recuperação.

Com o apoio de parceiros, a Instituição mantém um projeto de horta sustentável para promover saúde e educação para essas crianças que hospedam na Casa de Apoio e recebem aulas no Espaço Pedagógico. Os alunos colaboram com os cuidados com a horta, da plantação a colheita. Além de serem mais saudáveis, livres de agrotóxicos, as atividades que as crianças envolvem são educativas e estimulam a sustentabilidade.

Nesse subitem apresentamos a entrevista feita por telefone com uma Pedagoga da área hospitalar.

Tendo como objetivo observar as práticas pedagógicas no ambiente hospitalar, a pesquisadora utilizou-se da pesquisa bibliográfica sobre o tema escolhido e a pesquisa de campo em uma Instituição Hospitalar a fim de enriquecer o conhecimento e a pesquisa.

Em entrevista com a Pedagoga, a mesma falou um pouco sobre a sua formação e sobre seu artigo desenvolvido durante sua Pós-Graduação em Pedagogia Hospitalar.

*Durante o Curso de Pedagogia Hospitalar que fiz na UNIFESP fui desenvolvendo meu artigo o qual foi defendido ao final do curso, tendo na banca examinadora minha professora e coordenadora da Classe Hospitalar do Hospital São Paulo, a Professora Lea Chuster Albertoni e também o Professor Lino de Macedo, conceituado psicólogo especializado em Piaget. O artigo em questão tem como principal objetivo de promover uma interlocução entre arte, saúde e educação através de oficinas de arte a serem aplicadas nas Classes Hospitalares ou ambulatórios. Neste trabalho desenvolvi uma oficina de arte tendo como artista a ser trabalhada, Frida Kahlo, pelo fato da mesma ter sofrido ao longo de sua vida as sequelas de uma poliomielite na infância e de um grave acidente automobilístico. Frida buscou na arte uma maneira de expressar seus sentimentos e as dores constantes que sofreu em vida. (Entrevistada)*

A Pedagoga mostra que houve um interesse pessoal no desenvolvimento do artigo. A escolha de incluir a arte na Classe Hospitalar se deu através da forma em que a artista trabalhada pela Pedagoga descobriu na arte uma forma de amenizar seu sofrimento devido a sequelas de um acidente.

*A atividade foi aplicada no ambulatório de hemodiálise pediátrica do hospital São Paulo e na sala de ensino médio de uma escola particular. Na sala de hemodiálise foram duas tentativas para que a atividade conseguisse ser aplicada pelo fato de inúmeros fatores, principalmente pelas condições de saúde das crianças, pois algumas vezes não se sentem bem durante o tratamento de hemodiálise. (Entrevistada)*

Neste sentido é essencial que o professor utilize estratégias diferenciadas respeitando o limite de cada aluno e trabalhar usando metodologias que agucem mais a inteligência e o estímulo físico desses alunos.

As atividades aplicadas em sala de aula e em sala de hospitais não terão o mesmo resultado, de acordo com a entrevistada os alunos internados não conseguem desenvolver as atividades sugeridas em primeiro momento, devido algumas crianças passarem mal, estarem debilitadas com o tratamento.

*No dia que consegui realizar a atividade, o que mais chamou a atenção foi o espaço em que a atividade estaria sendo realizada, ou seja, em uma cama e com a criança presa na máquina de hemodiálise. Portanto, ela teria livre somente uma das mãos e sentada na cama. Por algumas vezes a atividade foi interrompida, pois a criança passava mal. Ela mal conseguiu terminar o que havia proposto fazer inicialmente. (Entrevistada)*

Algumas crianças hospitalizadas estão em estado de saúde avançado no qual não tem condições de realizar suas atividades na ala pedagógica, portanto, algumas práticas pedagógicas educativas são realizadas na maca em que a criança se encontra. E por estarem debilitadas e sem contato com outras pessoas, essas crianças devem continuar realizando suas atividades dentro do seu limite para que haja uma melhora na sua patologia.

*No contexto hospitalar, as práticas educativas mediadas pelo lúdico e pela brincadeira auxiliam a criança e o adolescente na recuperação de sua saúde, tendo em vista que a ocupação do tempo com os atos de brincar e aprender são capazes de espantar a tristeza, dando lugar à invenção através da imaginação criadora. Tais práticas promovem, ainda, entretenimento, informação, aprendizado e o desejo de continuar a viver, mesmo para aqueles sujeitos que se encontram com uma patologia grave, muitas vezes em situação de desengano por parte das equipes de saúde (SILVA; ANDRADE, 2013, p.65).*

Essas atividades mesmo não havendo o mesmo resultado quando aplicadas em sala de aula devem ser também aplicadas no hospital, pois ajudam a criança e o adolescente no seu processo de recuperação.

*Enfim, o que posso concluir é que é uma experiência incrível e enriquecedora e que o tempo e espaço para a aplicação de atividades pedagógicas em ambiente hospitalar é totalmente diferente de uma classe de aula. Lembrando que nessa oficina uso materiais reutilizáveis do ramo hospitalar e não contaminado, ou seja, caixas de remédios, chapas de raio-x etc. (Entrevistada)*

O brinquedo para a criança na situação que a mesma se encontra, é uma das principais ferramentas para o desenvolvimento social e de suas potencialidades. Por meio do brinquedo é possível que a criança construa várias representações que é até o momento significativa para ela. E com os materiais utilizados na oficina da entrevistada, as crianças projetam seus próprios brinquedos, usam a imaginação e interagem com outras crianças.

*[...] a criança quer puxar alguma coisa, torna-se cavalo, quer brincar com areia e torna-se padeiro, quer esconder-se, torna-se ladrão ou guarda e alguns instrumentos do brincar arcaico desprezam toda a máscara imaginária (na época, possivelmente vinculados a rituais): a bola, o arco, a roda de penas e o papagaio, autênticos brinquedos, tanto mais autênticos quanto menos parecem ao adulto (BENJAMIN, 1984, p.76-77).*

De acordo com o autor, o brinquedo, o brincar desperta a criatividade da criança, pois ela dá outras características àqueles brinquedos. Uma simples caixa de remédio pode virar prédios e carrinhos, então o objeto proposto pela entrevistada faz com que as crianças criem funções diferentes para eles de acordo com os desejos de cada aluno internado.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou constatar o direito que toda criança hospitalizada tem de dar continuidade em seus estudos como também a importância do trabalho do pedagogo com essas crianças que tiveram que deixar a escola por motivo de tratamento de saúde, já que muitas pessoas não tem conhecimento sobre o direito que a criança e o adolescente tem.

Através da pesquisa pude confirmar o quanto é importante os alunos darem continuidade em seus estudos, não só para o conhecimento de conteúdos e matérias que os alunos estariam perdendo em sala de aula, mas para a própria recuperação do aluno em relação à doença.

Com a pesquisa de campo pude comprovar a importância do trabalho do pedagogo para o progresso dos alunos que por motivo de doença deixaram sua casa e a escola para viverem em uma Instituição que abrigam crianças com câncer.

A maioria dos alunos internados estão com autoestima baixa, sofrendo e angustiadas por estarem há muito tempo vivendo longe de casa, de seus amigos e da escola. Com o trabalho que o Pedagogo Hospitalar realiza, esses alunos voltam a ter esperança, alegria e contato com outras crianças.

Pude perceber que o pedagogo não pode estar ali apenas como um professor, ele está ali como um profissional que está resgatando o sonho de uma criança e um adolescente que foram interrompidos. Esse Pedagogo deve ter todo cuidado e carinho com esses alunos hospitalizados, pois alguns estão em estados mais graves e não conseguirão realizar as atividades igual outra criança que está com o mesmo problema de saúde, sendo assim, o aluno pode se sentir incapaz e incompetente em estar ali, por esse motivo é muito importante que o professor adapte as atividades de acordo com o bem estar desse aluno.

Na Instituição pude observar o quanto as crianças se sentem a vontade no local, e isso é extremamente importante para a recuperação delas. Da mesma forma o Pedagogo que atua no local faz com que essa criança se sinta a vontade para um bom diálogo ou até mesmo para que esse aluno não se sinta forçado a realizar uma atividade na qual ele sabe que não está em condições no dia.

A afetividade entre aluno e professor nessa situação é um dos fatores mais importantes, todas as crianças estão muito debilitadas e carentes, se sentindo inferiores a outras crianças. A presença da mãe e o contato mãe-professor também é muito importante para que o professor saiba um pouco mais sobre a vida e a situação-problema que cada aluno está enfrentando.

Dessa forma podemos perceber que o trabalho do Pedagogo Hospitalar é diferente do trabalho do Pedagogo em sala de aula, pois o mesmo trabalhará com alunos de diferentes idades e diferentes situações de estado de saúde. Mas vale ressaltar que toda atividade lúdica é bem vinda e age de forma positiva no tratamento de cada uma dessas crianças.

## 6. REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Sumus, 1984.

BRASIL. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente, e da outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Poder Legislativo, Brasília, DF, 16 jul. 1990. p. 13563. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8069-13-julho-1990-372211-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 6 de maio de 2018.

BRASIL. **Ministério da Educação. Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**./ Secretaria da Educação Especial. – Brasília: MEC; SEESP, 2002.

CASTRO, Marleisa Zanela. **Teoria e Prática na Pedagogia Hospitalar: novos cenários, novos desafios** / organizado por Elizete Lúcia Moreira Matos, Patrícia Lupron Torres – 2. ed. rev; e ampl. – Curitiba: Champagnat, 2011.

CONANDA. Resolução nº 41, de 17 de outubro de 1995. Dispõe sobre os Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. **Diário Oficial da União**. Brasília, Seção I, p. 16319-16320, 17/10/95.

DEMO, Pedro 1941. **Pesquisa: Princípio científico e educativo** / Pedro Demo – 12. ed. – São Paulo : Cortez, 2006. (Biblioteca da educação. Série 1. Escola; v.14).

EDUCAÇÃO, **Colunista Portal. Pedagogia Escolar e os direitos das crianças e adolescentes hospitalizados**. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/pedagogia-escolar-e-os-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-hospitalizados/36650>. Acesso em 5 de Abril de 2018.

FONSECA, Eneida Simões da. **A situação brasileira do atendimento pedagógico educacional hospitalar**. Educação e pesquisa. 25 ed. São Paulo, 1999, 129p.

JUNIOR, B. F. D., GOMES, F. C. **Teoria e prática na pedagogia hospitalar: novos cenários, novos desafios** / organizado por Elizete Lúcia Moreira Matos, Patrícia Lupron Torres – 2. ed. rev; e ampl. – Curitiba: Champagnat, 2011.

MARTINS, M. R. et al. **Protocolo de preparo da criança pré escolar para punção venosa, com utilização do brinquedo terapêutico**. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto, v.9, n.2, p.76-85, 2001.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira. MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde** 7 ed. – Petrópolis RJ: Vozes 2009.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 1, n. 3,

1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em: 6 de Abril de 2018.

OLIVEIRA, Tyara Carvalho de<sup>1</sup> - **SEMED** Nova Iguaçu/RJ/SME de Duque de Caxias RJ, 2013.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. **Classes Hospitalares: o espaço pedagógico nas unidades de saúde**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

SILVA, Neiton da; ANDRADE, Elane Silva de. **Pedagogia Hospitalar: fundamentos e práticas de humanização e cuidado**. Cruz das Almas/BA: URFB, 2013, 192p.

SILVA, Andrielle. **O papel do Pedagogo Hospitalar**. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-papel-pedagogo-hospitalar.htm>. Acesso em: 5 de abril de 2018.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.